

AVENÇA

# A REGENERAÇÃO

Semnário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção, na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Revolução popular

Portugal, sistema ideal na mecânica dos povos — segundo as palavras do General Francisco José Pinto

**M**ERECE especial registo a admirável e patriótica mensagem, assinada por quarenta mil trabalhadores de Aveiro e entregue ao sr. Sub-Secretário das Corporações, no VII aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Documento notabilíssimo, ele dá bem eloquente conta, não apenas da fé e da esperança dos trabalhadores aveirenses, nessa hora verdadeiro porta-voz de todos os trabalhadores de Portugal, mas principalmente dos seus anseios, dos seus desejos de que se prossiga sem desfalecimento no caminho encetado.

Outra coisa mesmo não quer significar a interessante mensagem quando afirma:

«Torna-se necessário que a Revolução atinja todos os sectores da vida nacional, para que o seu resultado seja ainda mais brilhante. Torna-se necessário não adormecer sobre as vitórias já conquistadas, porque uma Revolução, precisamente porque é uma Revolução, não pode quedar-se inerte, mas antes tem que agitar-se e mover-se continuamente Para a frente, dentro da disciplina da Ordem Nova, é que é o caminho, a favor da Revolução Nacional e contra aqueles que a não querem compreender.

Nós temos uma esperança viva e uma fé ardente em que a Revolução continuará, como afirmou o Chefe e em que, horizontes ainda mais iluminados se rasgarão na nossa frente.»

Anseio magnífico de quem não quer deixar a vitória, de quem não quer que haja paréntesis na obra encetada, é constituir, também, uma garantia segura, certa e firme do idealismo que anima todos os trabalhadores portugueses.

Depois de se ler a mensagem dos proletários de Aveiro, depois de se atentar bem no grande exemplo de fé e entusiasmo, de esperança e decisão que ela revela, nós sentimos melhor toda a grandeza da Revolução renovadora e mais do que isso adquirimos a maior e mais forte certeza de que coisa alguma já deterá o caminho magnífico e triunfal em tão boa hora encetado.

Sempre em Portugal, di-lo a História gloriosa de oito séculos, venceram todas as causas que têm tido por si a alma popular.

A Revolução Nacional teve-a desde a primeira hora. Continua a tê-la agora da maneira mais inequívoca possível.

Está com o Estado Novo a grande massa dos trabalhadores, outrora, quando não expoliados e enganados, votados, pelo menos, ao mais cruel e conflagrador abandono.

O passado posto em frente do presente oferece-nos um contraste que nada nos faz temer, que nos dá melhor e mais forte garantia de que já coisa alguma entrará a marcha da vitória que vimos fazendo há alguns anos.

Esse o maior, o principal segredo da nossa vitória, esta vitória que os trabalhadores portugueses acalentam com redobrada confiança.

### Aviso

A Junta Nacional do Vinho, nos termos do decreto-lei n.º 28164 de 15 de Novembro de 1937, faz público que todos os vinicultores são obrigados a manifestar, até ao dia 31 de Outubro corrente, a sua produção vinícola, bem como as existências de vinhos e seus derivados provenientes de colheitas anteriores. Estas declarações são feitas em boletins impressos preenchidos em triplicado, por freguesias, de harmonia com as instruções indicadas no verso dos boletins. Os agentes respectivos dão todos os esclarecimentos necessários. O não cumprimento desta determinação, incorre na multa que pode variar entre 20\$00 e 2.500\$.

Só agora, devido à situação internacional, chegaram a Lisboa notícias pormenorizadas do que foi a recepção entusiástica no Rio de Janeiro, a embaixada especial do Brasil às nossas comemorações centenárias. Toda a imprensa daquela cidade dedicou ao acontecimento longas reportagens.

O sr. general Francisco José Pinto, numa entrevista aos jornais, afirmou novamente o seu muito afecto a Portugal e o seu reconhecimento por todas as homenagens de que entre nós foi alvo.

Aludindo à obra de ressurgimento realizada pelo Estado Novo, declarou:

«Salazar, como os seus antepassados, é um apóstolo. Um apóstolo social, um iluminado pela confiança em si próprio e no povo que lhe obedece. Sim, no povo que lhe obedece. Mas que lhe obedece por convicção, não por medo, orgulhoso do respeito que ele lhe inspira e não submisso pelo terror. Graças a esse respeito e a essa convicção, Portugal é hoje um sistema ideal na mecânica dos povos, uma harmonia surpreendente no convulsionado mundo europeu.»

Depois de frisar o acolhimento carinhoso dispensado pelo povo português aos refugiados de vários países, o sr. general Francisco José Pinto referiu-se à Exposição do Mundo Português nos seguintes termos:

«A Exposição é um encanto como concepção e, sobretudo, como realização. Portugal resplandece naquele cenário majestoso em todo o seu esplendor histórico e em toda a sua grandeza espiritual. Merece, portanto, ser vista, porque é em todo o seu aspecto uma atracção universal.»

As suas últimas palavras aos jornais foram um hino em louvor de Portugal e da amizade luso-brasileira:

«Repito ainda uma vez que me orgulho tanto da minha ascendência lusitana como da minha nacionalidade brasileira. As duas são indissolúveis na minha consciência e no coração. Aliás, não fujo à regra. Portugueses e brasileiros, porque sentimos igualmente e igualmente nos amamos, constituímos uma só família, formamos na verdade uma raça inconfundível entre os demais povos, pelo idealismo que nos anima e pela civilização cristã que mantemos e alargamos.»

«Volto de Portugal comovido e orgulhoso do que ali me foi dado ver. Volto mais brasileiro, porque volto também mais português. Portugal é bem a raiz do nosso Brasil. Sem Portugal, que nos criou e

## LIÇÃO DE FÉ E AMOR

**C**ORRESPONDE a Exposição do Mundo Português aquelas aspirações e pensamento que tem orientado o Estado Novo na sua obra de renascimento e de fé.

Recebe-se uma impressão de dignidade e satisfação numa simples visita à Exposição. A sua beleza magestosa conjuga-se com o pensamento a que obedeceu. A caminhada dos portugueses através dos tempos, a sua formação, as suas razões de existência e desenvolvimento, a sua acção humanitária, gloriosa e civilizadora que deu novos e fortes impulsos ao Mundo, o espírito de sacrifício, de lealdade, valentia e honra, a obra cultural e literária que tem momentos refulgentes a iluminar e a dignificar uma raça eternamente, enfim, o valor e os direitos de Portugal, tudo, nos aparece bem evidente e determinado na Exposição do Mundo Português.

Muito de lamentar é que a guerra atroz perturbe e aflija a Europa e o Mundo, e preocupe os espíritos como uma nuvem de mágoa a pesar sobre os corações. Se a paz com ordem, justiça e amor prevalecesse no Mundo conforme é a aspiração natural deste bom e grande povo português, a Exposição certamente seria uma mais ampla demonstração dos merecimentos e direitos de uma Nação, que nunca foi além dos seus legítimos interesses sem deixar porisso de ser grande e heroica.

Não há uma alma bem formada de português ou estrangeiro, que ao percorrer ao menos alguns pavilhões, não sinta e compreenda que a acção e os destinos de Portugal, agora como em todos os tempos, são merecedores do apreço e gratidão de toda a humanidade e que até por honra do Mundo e da civilização, os seus direitos são incontestáveis e a sua existência independente, livre e eterna, merece o aplauso e concordância de todos os povos.

A Exposição do Mundo Português é um grande livro de moral, uma grande lição de sacrifício e heroicidade, um modelo de Fé e amor pátrio, que ensina, conforta e fortalece as almas. Revela ainda o génio artístico e o bom gosto da geração actual. Nos aspectos de conjunto como no pormenor há uma harmonia admirável e difícil de manter, porque não decaem nunca numa feição banal.

### Obras

A nossa Câmara, deu por concluídos os dois pontões que foram construídos em pedra, um nos Trespostos e outro em Alge.

Ultimamente construiu a fonte do Azeitão, beneficiou a fonte de Aldeia da Cruz e traz em construção a fonte do Val do Rio.

Se a estas obras acrescentarmos a do mercado, estrada de Arega, campo de tenis e tantas outras de menor importância, verificamos que a Câmara Municipal de Figueiró, prossegue animada do mesmo ritmo de bem-fazer obra útil com que há anos começou.

manteve no passado, nada, decerto, seríamos no presente, porque a imensa unidade geográfica, humana e espiritual que hoje nos impõe ao mundo, ter-se-ia desagregado sob o domínio dos imperialismos e conquisistas.»

### Bailados portugueses

Portugal criou agora o seu «corpo de baile» próprio — numa realização feliz, de grande sentido artístico, que está confiada ao talento e à capacidade realizadora do bailarino Francis.

Cada país tem, na verdade, os seus «ballets» — representativos duma tendência coreográfica não só de natureza popular, mas que, a maior parte das vezes, tem raízes profundas na tradição folclórica do próprio povo. Ao confiar agora a um artista português a organização duma companhia de bailados caracteristicamente nacionais, o S. P. N. realizou, mais uma vez, obra salutar do *portuguêsismo*. De resto, em nenhum outro local ficaria tão bem como no quadro da Exposição do Mundo Português, escolhido por aquele organismo, uma grande exibição artística como esta, de sentido moderno mas profundamente nacional — na estilização dos seus motivos essenciais e na própria atitude estética que representa. Assim o compreenderam os srs. drs. Júlio Dantas e Augusto de Castro — cujos nomes ficam também ligados a esta iniciativa.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura



## Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra...

(De Ourique a Guimarães, às crianças do concelho e do Império)

Alcobaça, a povoação, muito antiga e importante, assenta na planície, cortada por dois pequenos rios: Coa (o Alcoa, dos árabes ou dos persas) e o Baço, que, parece, lhe deram o nome e a tornaram fértil e vigorosa. Os romanos e os árabes por aqui viveram.

Tem, a vila, uma só freguesia: S. S. Sacramento. É sede de concelho e de comarca.

O seu antigo castelo foi talvez construído pelos godos. Os árabes, se o não construíram, reedificaram-no em 716. Este com os de Leiria, Pombal e Obidos formavam a linha sinuosa e avançada na defesa de Lisboa e Santarém, então centros moiriscos importantíssimos, capitais ou cabeças.

D. Afonso Henriques conquistou o castelo de Alcobaça em 1147, perdeu-se em 1191 ou 1195 D. Sancho I reconquistou-o.

D. Afonso I, em 2 de Fevereiro de 1148, lança a 1.ª pedra para a construção do mosteiro, que findou e entregou aos freires Bernardos. As obras terminaram só em 1222. Nêse se guarda o caldeirão apreendido aos espanhóis em Agosto, 14, de 1385.

D. Manuel I deu foral a Alcobaça, em 1 de Outubro de 1514. A igreja do convento do mosteiro — é consagrada a Nossa Senhora da Assunção. Também é chamada Igreja de Santa Maria de Alcobaça.

Na vila, existiu um outro convento, fundado pelo cardeal-rei.

Aljubarrota, a vila tem uma freguesia: Nossa Senhora dos Prazeres.

A povoação, antiquíssima, parece ter sido fundada pelos celtas. Assenta no dorso dum outeiro, com o flanco sul a descer suavemente. Foi uma grande e importante cidade no tempo dos romanos, com outro nome — Assuncia. Próxima do actual vila vêem-se ainda vestígios de ruínas da antiquíssima Igreja de Santa Marinha.

Na Praça ostenta o seu pelourinho. O seu concelho foi extinto em 1955.

Ainda na histórica vila existe a pá, ferrugenta e gasta, de Brites de Almeida.

Nos primeiros anos da monarquia portuguesa, os abades de Alcobaça foram os donatários de Aljubarrota. Um deles deu-lhe o 1.º foral.

D. Manuel I, em Lisboa, a de Outubro de 1514, deu-lhe o 2.º foral.

Nas lutas entre portugueses e castelhanos, o combate, a batalha mais importante, deu-se em especial no Chão da Feira, perto de Aljubarrota de que tomou o nome. Venceu-se gloriosamente a 14 de Agosto de 1385.

Em memória da «Batalha de Aljubarrota» mandou D. João I construir o mosteiro da Batalha, dedicado a Santa Maria da Vitória. D. Nuno, por idênticas razões, edificou o Convento do Carmo, em Lisboa, onde recolheu.

No mesmo Chão da Feira, Aljubarrota, deu-se o «Combate dos Carvalhos» a 28 de Agosto de 1837.

Batalha, é uma povoação pequena, nova, assente num aplanado vale, entre montes, a 10 quilómetros de Leiria; sede de freguesia — Exaltação de Santa Cruz — e de concelho. Pertence à comarca de Porto de Mós.

## Regionalismo

Festival na C. C. F. V.

É suficientemente conhecida dos povos da região da comarca de Figueiró dos Vinhos a interessante obra encetada, no sentido de levar a efeito a construção da Casa da Criança de Castanheira de Pera.

A essa obra de sublime concepção não poderia ficar avêssa a Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, associação puramente regionalista, compreendendo os concelhos de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande. E assim, desejando contribuir com a sua cota parte, na medida do que presentemente lhe é possível, em tal sintese de esforço social, resolveu promover no dia 16 de Novembro próximo, um festival na sua sede, cujo produto será destinado a engrossar a subscrição aberta, para completa execução de obra tão altruista.

Será grande, incontestavelmente, a afluência de associados naquele dia. Do que conhecemos do programa e dos esforços empregados pelos corpos dirigentes da Casa da Comarca e demais promotores da festa, para um lusitamento condigno, tal festival, não só prometendo uma boa lição de convívio social, creio que durará na lembrança de todos os assistentes pelo seu fim benéfico.

Lisboa, Outubro de 1940

B.

A sua fundação teve origem na construção do seu belo mosteiro, como este na célebre Batalha de Aljubarrota.

D. João I, o vencedor com D. Nuno e os valentes e corajosos portugueses, mandou construir o sumptuoso mosteiro de Santa Maria da Visória, em memória da batalha já referido.

Para abrigo dos operários e mestres de obras se construíram ali as primeiras casas, na Quinta do Pinhal que então existia. Fr. Lourenço Lampreia, confessor de el-rei, instalou-se na casa, já existente, da mesma quinta. Para as práticas religiosas e missa aos artífices mandou D. João I construir, perto, uma capela, que, depois, algum tempo serviu de paróquia.

O local e circunvizinhanças ainda nos fins do século XIV era uma vasta e perigosa charneca.

D. Manuel I, mandou construir a igreja paroquial, formosa e bela, de soberbo pórtico e lindíssimo altar-mór, no Mouraria, em 1512, dedicada à Exaltação de Santa Cruz; mas só se concluiu em 1532, no reinado de João II. Arruinou-se. Antes disto, pelo desenvolvimento da vila, mudou-se para o extinto convento de S. Domingos. Ficou sendo a Monumental e Paroquial Igreja da Exaltação de Santa Cruz da Vila da Nossa Senhora da Vitória da Batalha, permitindo-se ao pároco o uso da igreja e capelas.

O resto do convento de S. Domingos ficou à disposição da Direcção das Obras Públicas.

(Uma 24 anos antes, em 1890, a invasão francesa havia dispersado, inutilizado e destruído a documentação e mais papeis do cartório da vila.)

A pequena, mas esbelta e graciosa, igreja de D. Manuel I, a matriz, a parquial em ruínas passou a servir de jazida e cemitério. Foi o terremoto de 1858 que mais contribuiu para a sua ruína.

As águas, que formam o riacho que junto corre, vem de S. Jorge, do Tojal e da Fonte dos Vales. Estas foram muito tempo aproveitadas, no convento, pelos dominicanos.

A vila é banhada pelo Lena, que em Leiria, juntando-se ao Liz, perde o nome.

## Notícia religiosa

Com brilho, realizou-se a semana religiosa da festa do Co-ração de Jesus nesta vila.

A semana das CONFERÊNCIAS, como lhe chamam, é sempre notável e no presente ano foram elas ditas pelo Rv.º Dr. Cruz Gomes, professor distinto e brilhante orador.

Grande concorrência de fieis e numerosas foram as comunhões.

O cântico e orquestra local executaram com primor mimosos cânticos.

A prestar o seu auxílio vimos aqui os Rvos. sacerdotes párocos de Castanheira de Pera, Graça, Pedrógão Grande, Vila Facaia, Campelo, Trouxemil, Souza, Poaires, Foz de Arouce, Maças de D. Maria e Pouza Flores.

### Festa das almas

O dia 2 de Novembro é a festa da tristeza. Rememoram-se os que partiram e deles ficou uma saudade.

Imponentes exéquias serão celebradas na igreja de Figueiró.

Os Offícios e Missa serão executados por orfeão e orquestra e da autoria dum dos melhores compositores portugueses.

Haverá sermão próprio e pro-cissão ao cemitério.

### António Antunes Amaro

Foi fixar a sua residência em Lisboa o sr. António Antunes Amaro que, durante quatro anos, exerceu as suas funções de professor na escola masculina desta vila. Pela sua lisura e competência, grangeou o sr. Amaro as simpatias dos que com ele conviveram. Desejamos-lhe tódas as felicidades e que goze a sua aposentação no seio de sua família, com saúde e alegria.

### Plena solução

No artigo publicado no n.º 117 do nosso jornal, sob aquela epígrafe e da autoria do sr. Ruy Ferreira, na sua 2.ª coluna, primeiro parágrafo deve ler-se: «obtem-se pela standardização do mobiliário, pelo controle de mercadorias e serviços, pelas entradas especiais e sem cruzamentos, tão incómodos como noivos, pela invisibilidade das instalações, para o hospede, e pela visibilidade das mesmas para o gerente», e não como vinha publicado. Com as nossas desculpas fica assim rectificado o lapso.

### Grémio do Comércio do Concelho de Figueiró dos Vinhos

Vai ser oficial e solenemente inaugurado o Grémio do Comércio do Concelho de Figueiró dos Vinhos e, segundo nos informam, terá lugar na próxima terça-feira, 29 do corrente.

Segundo nos informam também, para a sua inauguração serão convidados os elementos oficiais do distrito.

A ponte da estrada Lisboa-Porto, perto, na encosta, a poente, foi construída em 1847, com arquitectura semelhante à do monumento histórico religioso.

Tem o concelho só 2 freguesias: a da vila e a do Reguengo, Nossa Senhora dos Remédios.

Foi suprimido em 7 de Setembro de 1895; restaurado em 13 de Janeiro de 1898.

Tem minas de carvão; pedreiras de mármore, vá ias côres em exploração, terrenos férteis; criação de muitos galos; mercados semanais e feira a 15 de Agosto.

(Continúa)  
Junho, 1940

Domingues

## Casa do Povo dos Milagres

Com a assistência do sr. Sub-secretário das Corporações sr. dr. Trigo de Negreiros, sr. dr. Mário de Vascellos, ilustre Governador Civil, sr. dr. I. rejas Bastos, delegado do I. N. T. P., autoridades oficiais do distrito, sr. dr. Crespo, deputado da Nação, sr. dr. Simões Barreiros, procurador à Câmara Corporativa, presidentes de diversas Câmaras e de Casas do Povo, inaugurou-se solenemente a Casa do Povo dos Milagres, no passado dia 17 do corrente.

Esta casa foi construída com uma rapidez que causou admiração a todos que tiveram o prazer de assistir à sua inauguração.

Por ela se pode avaliar o quanto representa uma vontade firme de trabalhar a favor duma causa.

O nosso presado amigo e sr. Padre José Ferreira de Lacerda, que na criação e construção da Casa do Povo, pôs tódá a sua inteligência e boa vontade, deve ter ficado satisfeito, não só pela obra que conseguiu fazer sob a sua direcção, mas também pela justiça que se lhe prestou, no acto da sua inauguração.

Nós que sabemos o que são obras, obras desta natureza, avaliámos quantas dificuldades o sr. Padre Lacerda tivera que vencer.

Mas, felizmente, venceu-as, a obra lá está. Fica a atestar a época, os homens que para ela contribuíram. Os mal intencionados, os egoístas, os que nada fizeram nem são capazes de fazer, os que se preocupam a dizer mal de tudo e de todos por tódá a parte, êsses desaparecem, nem sequer ao de leve alguém fala neles.

É uma obra importante. O povo que acorreu em massa à sua inauguração, bem a compreendeu; as autoridades que lá foram e entre elas devemos destacar o sr. dr. Trigo de Negreiros, ilustre Sub-secretário de Estado, melhor o sentiriam.

Por isso, pela obra que levou a efeito e pela justiça que se prestou ao sr. Padre Lacerda, apresenta «A Regeneração» as suas cordiais felicitações.

### Conselho Municipal

Reune em sessão ordinária e para os fins que estipula o Código Administrativo, o conselho Municipal.

### Simões d'Almeida (Sobrinho)

Com curta demora, esteve nesta sua terra natal o insigne Estatutário e professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, ex.º sr. José Simões d'Almeida (Sobrinho). Agradecemos os cumprimentos de S. Ex.º

### Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

Sebastião da Silva, Lourenço Marques  
Augusto José, Beira  
Carlos David Paiva, Beira  
Cassiano dos Santos Coelho, Santos Brasil  
Adroalo Simões, Bairrão  
Adelino José Lopes, Aguda  
António Simões, Trespostos  
Manuel Francisco, Searas  
Alvaro Lopes Lucina, Carapinhal  
Padre Manuel Gonçalves, Trouxemil  
Guilherme Agria, Pombal

## Correspondências

Castanheira de Pera, 20-X-940

**Falecimento** — Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Emilia Alexandre C. Bebiano, viuva, de 56 anos, natural do lugar do Vilar, dêste concelho, há muitos anos residente nesta vila.

A extinta era mãe das sr.ªs D. Luiza A. Bebiano (ausente no Brasil), Eliz.ª A. Bebiano Serra, Maria do Carmo Bebiano Diniz, Fernanda A. Bebiano Barreto, e dos srs. Gualter A. Bebiano Correia, industrial, e Gil Alexandre Bebiano-Tesoureiro da Câmara Municipal e irmã da sr.ª D. Lucinda Costa Lima e dos srs. Dr. Miguel Alexandre A. Correia e António A. Correia.

Era também tia do nosso particular amigo e importante industrial neste concelho, sr. José Correia de Carvalho.

No funeral que foi muito concorrido, viam-se pessoas de tódas as categorias sociais, de todo o concelho e arredores, bem como se fizeram representar no mesmo tódas as colectividades desta vila e Irmandades.

A urna ficou depositada no mausoleu do seu falecido pai Domingos Alexandre, no cemitério desta vila.

Conduziu a chave da urna o sr. dr. Miguel Alexandre A. Correia. Sobre o ataúde foram depositas coróas e ramos de flores naturais.

As qualidades de inteligência e de coração da extinta determinaram a respeitosa estima e vivo apreço de quantos tiveram a honra de a conhecer.

Chinguar, 10 9-940

No dia 1 do corrente, houve o pic-nic tradicional, no Mórro do Chinguar, indo a população, onde se comeram os bons petiscos. Tudo correu na melhor ordem, fazendo-se o transporte em carros.

No dia 15 de Agosto, dia de Nossa Senhora d'Assunção, padroeira do Chinguar, houveram as tradicionais festas, constando de Kermesses, vários jogos, comuhão a 25 crianças, tendo sido celebrada a cerimónia pelo reverendo padre Ramos e Padre Maio. Nêse dia fizeram-se muitos baptizados.

A noite houve teatro e baile na Associação, havendo grande animação, vendendo-se o salão repleto.

—No dia 9 do corrente fez anos a ex.ª sr.ª D. Belmira dos Anjos Ladeira Agria. Para festejar êste dia, ofereceu um delicioso jantar às pessoas de suas relações, e a seus pais.

Nêste mesmo dia, às 21 horas, houve cinema na Associação, dado pelo Cine Angola e exibido pelo empresário sr. Pratas, que muito agradou.

## CASAMENTO

No dia 9 do corrente mês, realizou-se nesta vila o casamento da menina Maria da Piedade Simões d'Almeida, filha da sr.ª Laura Fidalgo, com o sr. Manuel Antunes, electricista - mecânico, de Coimbra.

Foram padrinhos por parte da noiva, o ex.º sr. Luiz Almeida Pinto e sua ex.ª esposa sr.ª D. Maria Patrocínio Andrade Pinto e por parte do noivo o ex.º sr. Eduardo Santos Mesquita Lobo e sua ex.ª esposa sr.ª D. Maria José Rodrigues Mesquita Lobo, de Coimbra.

Aos noivos desejamos uma feliz e prolongada lua de mel,



**A missão da Imprensa**

Estas palavras — escreveu-as Charles Péguy:

“Há que refazer—tarefa temível — um público amigo da verdade sincera, da beleza sincera, um público povo, nem burguesia nem população, nem pódre de civilização, nem embruteado de ignorância”.

Esse público, infelizmente, não o podem formar as batalhas terríveis que muitas vezes se travam apenas das colunas de certos jornais de formação; não o podem formar os crimes que em certos dias enchem a trça parte da primeira página de alguns cotidianos.

Para poder educar—o jornal tem que ser educativo.

Há que prestar menos atenção aos crimes — e mais atenção aos problemas do espírito.

Há que pensar menos na guerra — e pensar mais em Portugal.

Não se serve a neutralidade por tuguesa—excitando as paixões.

Não se colabora na obra magnífica do rejuvenescimento nacional—cultivando par-a-par o imortal e o fértil, em prejuizo do que é saudável e do que é sério.

**Cêrca de três milhões de pessoas visitaram já Exposição do Mundo Português**

A Exposição do Mundo Português continua a ser visitada diariamente por milhares e milhares de pessoas. Não falta muito para que o número dos seus visitantes atinja três milhões, pouco menos de metade da população do país. Só no dia 6 de Outubro foi o admirável recinto percorrido por mais de 30 mil pessoas. A afluência das últimas semanas tem sido devida, em parte, à visita das excursões distritais em tão boa hora promovidas.

Anuncia-s já para breve mais uma excursão de Coimbra, que dará, desta vez, ensejo a uma linda festa em que tomarão parte o Orfeão, a Tuna Académica e vários ranchos da região do Mondego. A noite de 26 de Outubro será a «Noite de Coimbra», com descantes e guitarradas.

A estas festas outras se seguirão. Do Norte e do Sul, da Serra e da Beira-Mar, virão mais excursionistas. Graças às facilidades concedidas pelo Commissariado, muitos milhares de portugueses de todos os recantos do país poderão, assim, visitar Belém.

Nesse desfile interminável de visitantes, é o Portugal de hoje que passa e se descobre perante o Portugal de sempre.

**Falecimento**

Com 94 anos de idade, faleceu no lugar de Aldeia da Cruz, no dia 20 do corrente mês de Outubro, a sr.<sup>a</sup> Maria de S. José, mãe do nosso amigo e assinante sr. José Vaz, cantoneiro hidráulico.

A família enlutada e em especial ao sr. Vaz, apresentamos condolências.

**Agradecimento**

Florência Martins da Silva e seus filhos, Artur Paiva e Maria da Conceição Silva Paiva, temendo cometer qualquer falta involuntária, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas de Figueiró, Bairradas e Lisboa, que acompanharam à sua última morada, o seu muito querido e sempre chorado marido, pai, irmão e cunhado, António José da Silva Pimenta, das Chans Bairradas, e, bem assim às pessoas que se interessaram pela sua doença. A todos, pois, o seu profundo reconhecimento,

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS (1.<sup>a</sup> Publicação)

Faz-se saber que no dia vinte e um do próximo mês de Novembro, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido além do indicado o prédio abaixo descrito e penhorados nos autos de execução por custas e sélsos que o digno agente do Ministério Publico na comarca de Agueda move a António de Abreu e mulher Maria Narciza, do lugar do Nodeirinho, desta comarca de Figueiró dos Vinhos.

Prélio a pracear

Uma morada de casas, sita no Nodeirinho, que confronta do nascente e norte com José Simões, poente com Manuel Rodrigues e sul com a estrada descrito na Conservatória respectiva sob on.<sup>a</sup> 30.020 e inscrito na matriz sob o art.<sup>a</sup> 585. Vai à primeira praça no valor de mil seiscientos e vinte escudos (valor matricial) 1.620\$00 Figueiró dos Vinhos, desasseis de Outubro de 1940

O chefe da 1.<sup>a</sup> Secção *Jaime Ribeiro Sucena*  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito *Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração» n.<sup>o</sup> 518 de 26 de Outubro de 1940

**Abilio da Conceição Rodrigues**

Advogado Tel. 40

**Castanheira de Pera**

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tôdas as segundas-feiras até ao meio dia

**Joaquim J. Fernandes**

Médico Municipal

**Clinica geral Doenças das crianças**

Figueiró dos Vinhos

**J. Rodrigues de Oliveira**

Médico da Casa do Povo

Doenças de Pulmões — Partos

Clinica Geral — Consultório e residência: — Praça José Malhoa.

**CAMISAS LIMPOPE MARCA REGISTRADA**  
A única camisa com colarinho indeformável. A venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet.** Figueiró dos Vinhos

**TRANQUILIDADE**

Companhia de Seguros

1871

PORTO — COIMBRA — LISBOA

SEGUROS (VIDA — INCENDIO — AGRICOLA CRISTAIS — MARITIMOS E GUERRA)

Em FIGUEIRÓ DOS VINHOS:

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros TELEFONE 23

Delegado: Manuel Luiz de Oliveira

**VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos**

**A Casa do GUSTAVO**

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes góstos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol côr e branco camisas para homem, camisas «Limpopé» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para êsses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

**GUSTAVO COELHO GODET**

Figueiró dos Vinhos

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Faz-se saber que no dia 7 de Novembro próximo, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço, além do abaixo indicado os prédios a seguir descriminados, penhorados nos autos de execução hipotecária que Manuel Simões Fidalgo, viúvo, proprietário, residente nesta vila, move contra José Luiz mulher e outros, do lugar da Castanheira de Figueiró, desta comarca, a saber:

**PREDIOS**

—1. Uma terra de sementeira de rega e uma casa de habitação no lugar do Chão da Vinha, freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com h rdeiros de José Lopes, do poente com Eduardo Francisco, norte com Abilio Ferreira e sul com a estrada. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 24.547, e é na matriz os artigos: 669 urbano, e 1.763 rustico. Vai à praça no valor de 5.962\$80

—2. O direito e acção a quatro sextos de uma terra de sementeira, no Chão da Vinha freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com Joaquim Dias, norte com Albino Ferreira, poente com Valentim Mendes e sul com o ribeiro.

**VENDE**

Madeira de castanho para construções, parreiras e latadas.

Abilio David dos Reis e sua mãe D. Albertina Quaresma David.

Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 28.053 e é na matriz o artigo 1.764-1/4. Vai à praça no valor de 1.946\$10

—3. Uma testada de mato com castanheiros no sitio do Vale da Carreira, limite do lugar da Castanheira, freguesia de Figueiró dos Vinhos, parte do nascente com o baldio, poente com João Vicente, norte com António Canpos e sul com Januário Henriques. Encontra-se descrita na Conservatória sob o número 13.996, e é na matriz o artigo 660. Vai à praça no valor de 294\$80

—4. Uma terra de sementeira de seca com oliveiras e mato, no lugar do Chão da Vinha freguesia dita, parte do nascente com Albino Ferreira, poente com herdeiros de Manuel Francisco, norte e sul com a estrada. Encontra-se descrita na Conservatória sob o numero 24546, e é na matriz o artigo 1.751. Vai à praça no valor de 286\$00 Figueiró dos Vinhos, 3 de Outubro de 1940.

O chefe da 2.<sup>a</sup> Secção *Joaquim José da Conceição Junior*  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito *Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração»—N.<sup>o</sup> 517  
12 de Outubro de 1940

**Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**

SEDE — LISBOA

**Filiais**—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

**Agências**—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e **Figueiró dos Vinhos**

Todas as operações bancárias

**João Leal da Silva Tendeiro**

Médico Veterinário Municipal Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

**CONSULTORIO DENTARIO**

**A. MARTINS NUNES**

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos**

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.<sup>o</sup> 8

**Cofre à prova de fogo**

VENDE-SE. Nesta redacção se diz

**Armazém de Ferro, Aço e Carvão**

**Ulisses António da Conceição Pombal**

Telefone n.<sup>o</sup> 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

**Materiais de construção**

Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de:

Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE PAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-13 - Os melhores preços -

**Vende-se**

Um guarda louça em estado de novo.

Quem pretender dirija se ao sr. Alvaro de Jesus Mateus em Figueiró dos Vinhos.

**GÊLO**

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera



## Do romance universal

É um caso muito debatido: o romance universal. Mas, no entanto, ainda não foi suficientemente esclarecido ou, melhor dizendo, suficientemente concretizado.

Correntemente, na opinião de certos escritores consagrados, o romance universal reduz-se, somente, a meia dúzia de nomes que se encheram de glória: um Dostoiévsky, um Cervantes e mais modernamente, Proust, etc. Porém isso não é tudo, isso não representa nada.

Na verdade, o romance com características universais não é de todo impossível entre nós, como o supõem certos críticos: o romance que possa interessar os povos de todo o mundo com o mesmo entusiasmo, é difícil de conceber, mas, no entanto, não escasseia, como se pode compreender de alguns escritos que por aí circulam!

Há obras com ideias um pouco limitadas, vertidas numa forma bastante débil e, contudo, têm um interesse universal. Porém, das que desejamos aqui falar é naquelas que possuem um fumo emotivo que se coaduna com o sentimento de todos os povos: o sentimento humano (falo neste caso nas obras com uma riqueza humana, focando o meio que lhes serve de quadrc; estão-lhe estruturalmente ligadas, por os problemas que analisam e em contacto com outros meios de outros países).

O romance a todos interessando da mesma maneira é aquele que se baseia na vida do homem e o serve com honestidade, ampliando-lhe os seus horizontes intelectuais e sociais.

A obra dum Eça, pouco conhecida no estrangeiro, é de uma finalidade humana a todos os títulos notável, porque esclarece muito da vida portuguesa e a desnuda com subtilidade.

É a obra mais traduzida a que possui mais riqueza humana e, por conseguinte, mais apreciada? Pode ser ou não. Isso não depõe nem contra nem o favor. A obra dum Eça tem uma importância enorme e, no entanto, não tem sido traduzida. É pelo contrário, obras de escritores medíocres (uma Venzit, um Ardel, etc.) tem sido vertidas noutras línguas com afã descomunal. Mas se há bastantes traduções dessas obras é porque os livreiros (com sentido comercial sempre fígado) encontram nelas pano para mangas. Em compensação as obras dum Romain Rolland, dum Malraux, dum Montherlant, dum Rosamond, etc. quasi não viram ainda a tradução no nosso país e, outros há, com apontei acima a viram por várias vezes.

Evidentemente que a culpa dessas diversas traduções se tem de assacar aos livreiros e a mais ninguém. O que nos preocupa neste momento, porém, é frizar que a obra para ter um interesse universal se deve gerar com a finalidade de tratar problemas humanos e, por todas as razões se integrar no mundo actual. A obra que se não coadune com a hora actual está implicitamente posta de parte. Creio que actualmente as razões que nos levam a considerar uma obra com caracter universal são um pouco diferentes daquelas outras que fizeram universais as obras dum Camões, dum Goethe, dum Ibsen e tantos outros (embora é certo, em parte as ideias que nos ligam as obras actuais e as valorizam, dando-lhes o caracter de universais sejam quasi que as mesmas que nortearam as outras).

No momento actual o romance chega quasi que de um jacto a todo o homem: a imprensa e a rádio desenvolveram de tal maneira o poder de comunicação entre os homens, que um livro de mérito entra logo no conhecimento de todo o homem. Outro tanto não sucedia em tempos atrás, quando havia grande dificuldade na comunicação das ideias do escritor. Hoje em dia tudo se faz num ápice.

Mas falando concretamente no livro de interesse geral é de lamentar não ver traduzidos aqueles de grande valor humano.

O romance actualmente é escrito com rapidez, com pequenos pormenores, com minutos recursos retóricos, sendo inteiramente concebido no real. No real natural, vulgar. Não no real fingido, architectado, como no caso de Zola. Ora justamente uma obra não ultrapassará o interesse da sua época, embora o autor tenha carradas de talento, porque mesmo a obra dum Cervantes, dum Flaubert, podem dum momento para o outro passar à posteridade sem qualquer interesse que não seja o de *documento humano de determinada época*.

Por isso mesmo entendo que toda a obra tem o seu *período*. Pode, evidentemente, esse período ser mais ou menos longo, consoante o talento do seu autor, mas mais cedo ou mais tarde tende a isolar-se da vida, tende a morrer.

Se quizesse citar exemplos bastaria lembrar o Decamerone ou a Astreja que ninguém lê na nossa época, na altura em que foram criados chamaram a atenção toda a gente culta. Prova bastante de que toda a obra literária está sujeita a morrer: viverá enquanto se enquadrar nas condições da época. Deixando de satisfazer as necessidades intelectuais ou sociais do seu tempo, morre. Depois, é que o homem não pode viver sempre acorrentado a umas certas ideias: tem um imperativo biológico que o obriga a regeitar umas ideias e a admirar outras.

A obra com interesse tem de recrutar-se entre aquelas que possuem um valor dinâmico e ideativo de primeira grandeza, focando a vida do homem, que à custa de todo o sacrificio tende a aderir a todo o homem, criando-lhe um mundo mais amplo! De resto, não me parece que nenhuma obra consiga resistir ao tempo com o mesmo «êlan» que teve no seu início. Seria, nesse caso, parti do principio que o homem não evolue, se mantém pelos séculos fora estático.

João Rubem

## A' MARGEM DA GUERRA

1 Ainda não há muito tempo o governo francês exigia da Mulher francesa todo o seu esforço pela causa da França. E assim, as Mulheres francesas de todas as classes sociais julgando cumprir uma missão, foram para as fábricas, para as oficinas, para o campo. Enquanto os Homens corriam para as frentes de batalha, as Mulheres substituíam-nos corajosamente em todas as actividades manuais e intelectuais.

Várias vezes, os documentários cinematográficos, nos deram imagens da atitude patriótica da Mulher Francesa.

A França capitulou. Milhares de soldados regressaram da frente. E as mulheres francesas, receberam do general Pétain o seguinte comunicado: — "... as Mulheres casadas será vedado o trabalho, nas administrações do Estado. Quanto aos estabelecimentos particulares, será fixada uma percentagem máxima, para as Mulheres que neles serão autorizadas a trabalhar."

Curiosa recompensa dada pelo governo actual da França ao esforço da Mulher francesa!

## Crónica

Perdão, sr. Almada.  
Desculpe, que o mais humilde dos mortais, tente dizer qualquer cousa acerca de V. Ex.ª.

Sim qualquer cousa sem importância, para a sua modéstia exemplar, mas que quere?! não resisto, porque encontro um contraste latente, grandíssimo, entre a sua pessoa, sempre irradiando bondade, sempre alegre, sempre a desculpar certas palavras por vezes ofensivas, disparadas por meninos "bonecos", da «élite» que se julgam acima de tudo e de todos; esses que se uma humilde lavadeira ou um rude trabalhador do campo, ao passar perto, por descuido lhe toca, ofuscando um pouco a manga do paletó, ou se um pingo de suor lhe tolda o brilho dos sapatos polidos.—UF!...

Faz-me lembrar quando passavamos por um pobre que mendigava V. Ex.ª dava, e dizia-me «coitados... nós ainda ficamos com mais».

Quantas vezes o fui encontrar sentado no parque das Tílias, só, pensativo a olhar os miseráveis que em linha recta se estendiam pela estrada, defronte dos hotéis a esperar os \$50 que lhe eram distribuídos a cada um, na sexta-feira de cada semana, e um pouco mais abaixo, ao pé do aquário ou no passeio da fonte nova, aqueles carros de luxo, de cujos proprietários se advinhava o fausto, pelos criados de libré que os acompanhavam e pelos cãesinhos "lu-lus", estendidos em ricas almofadas japonesas bordadas a ouro.

O Sr. R, da Almada que tinha saído cedo para ajudar à missa na capela do hotel, estava só, sentado num banco do parque das Tílias, a pensar, quem sabe se em tudo isto... na vida...

Fui talvez indiscreto arrancando-o do seu belo... sonho,

?...  
«olá Sr... Ah!... Oh... Sr. Costinha. Olá! então vamos ó almoço?»

E passámos pela porta do hotel, onde se perfilava o exercito de pobresinhos, — cada qual contando a sua história para comover quem passava e fazer com que deixassem cair nas suas mãos trémulas o pequeno óbulo com que lhe seria possível adquirir de pedaço de «broa» para matar a... sim, a fome;

E dizia-me o Sr. R. da Almada «é a vida...»

Lisboa Setembro de 1940

B. A. da Rocha

## Partida

*Eu e tu tínhamos  
só uma vontade;  
de braço dado  
sorrindo confiantes  
partimos pela estrada branca.  
Em todos os caminhos  
um homem cavava a terra  
com uma enxada sem lâmina.  
Em todos os caminhos  
uma mulher que se vendeu  
por um pão negro.  
Em todos os caminhos  
em todos, em todos  
a mesma dôr  
estampada nos rostos.  
-Nossos sorrisos desapareceram-  
Ergueste p'ra mim  
o teu rosto triste  
e o brilho da decisão  
punta nele uma chama  
tão linda  
que partimos de novo  
sorrindo confiantes.*

JOÃO CARLOS

## Para uma nova concepção

O lucrativismo nega e afirma simultaneamente a planificação económica. Nega-a porque estes dois sistemas excluem-se mutuamente: onde existe um não pode existir outro. Afirma-a porque na sucessão histórica dos sistemas de produção só o lucrativismo — que criou forças produtivas mais poderosas do que as criadas em todas as anteriores gerações reunidas —, conseguiu desenvolver a produção de forma a possibilitar a economia-plano.

Pelo facto de o lucrativismo ter desenvolvido colossalmente as forças produtivas, as construções teóricas da economia-plano ideadas no período anterior a este sistema são puramente utópicas e só modernamente a humanidade pôde ser dotada com uma construção científica.

(Revista Pensamento)

Bruno de Moraes

2 Uma frase de Miguel Maimem: «Não creio, que para lograrmos um dia que nos devolvam Gibraltar, o melhor caminho seja esse de injuriar a Inglaterra, falsificando a história das suas relações com a nossa pátria.»

3 O comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto comunicou ao público que quando se sinta atingido por aumento de preços que julgue excessivos, de géneros ou artigos de qualquer qualidade, o participe ao respectivo comando. O comércio, entre nós especula com a fome dos pobres, aumentando excessivamente os preços dos géneros, imprescindíveis à alimentação.

Daniel

## PERSPECTIVA

Fernando de Novais, escreveu no «Pensamento»:

«Em 1904, uma expedição americana descobriu, no decorrer de pesquisas arqueológicas feitas na Asia Menor, vestígios de trabalhos de irrigação que, tudo levava a crer, datavam já de há cem séculos. Há cem séculos já o homem, sem escavadoras, conseguia arrancar terra ao deserto, criar oásis no deserto. Esta luta dura, constante, heroica, continuou através dos séculos até aos nossos dias. Tem sido e continua a ser uma verdadeira guerra contra os elementos, contra o deserto, contra a seca.

Mas muitas «histórias», que de tantas guerras nos falam, — a de sete anos, a de trinta, a de cem anos — pouco ou nada dizem desta guerra de dez mil anos, em que tantos homens arriscaram a vida, para um fim dignificador, elevado, progressivo.»

## Aos Editores

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for enviado directamente um exemplar, independentemente das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para:

João Tendeiro — Figueiró dos Vinhos